

## **RISCOS, DESAFIOS E MEIOS PERANTE O CHAMADO À SANTIDADE SEGUNDO A GAUDETE ET EXSULTATE**

### **INTRODUÇÃO**

A catequese da nossa Igreja nos ensina que a Santidade é sempre um dom divino que atua em cada um que se abre à graça santificante e uma resposta nossa à iniciativa amorosa de Deus. A santidade supõe sempre esse relacionamento de intimidade com Deus e o confronto com a realidade na qual estamos inseridos. Nessa perspectiva, o Santo Padre, o Papa Francisco, nos oferece uma forte exortação para que nos esforcemos em responder à vocação universal à Santidade. O Papa Francisco cômico da eclesiologia do Vaticano II que compreende a Igreja como povo de Deus, retoma na *Gaudete et Exsultate* (*Alegrai-vos e Exultai*) os elementos essenciais e fundamentais desse Concílio.

O Concílio (LG, 11) nos ensina que todos os cristãos, de qualquer condição ou estado, são chamados pelo Senhor, cada um por seu caminho, à perfeição da santidade pela qual é perfeito o próprio Pai. Mas a mesma Constituição Dogmática, no número 41, elenca uma hierarquia nesse chamado: os bispos, os presbíteros, os diáconos e os demais cristãos.

Urge acentuar também que o Concílio ensinou que a Santidade é manifestação dos frutos do Espírito Santo nos fiéis (cf. LG, 39). A santidade não é resultado do esforço e triunfo humano. Ela é um Dom e iniciativa do Amor divino que o homem responde no concreto do cotidiano.

Em perfeita sintonia com esses princípios conciliares, o Pontífice nos escreve a referida Exortação Apostólica na qual nos convida a refletir sobre o chamado à Santidade no mundo contemporâneo. O documento se organiza em cinco capítulos e 177 parágrafos.

## 1- A CHAMADA À SANTIDADE

Na introdução da *Gaudete et Exsultate* o Papa Francisco lembra que Nosso Senhor encorajou os que são perseguidos e humilhados com essas palavras: “Alegrai-vos e exultai (Mt 5, 12). Assim o Pontífice apresenta o objetivo da exortação Apostólica: fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades, porque o Senhor escolheu cada um de nós “para sermos santos e íntegros diante dele, no amor” (Ef 1, 4). O Santo Padre se fundamenta nos princípios conciliares para desenvolver sua reflexão.

O primeiro capítulo apresenta explanação sobre o chamado à Santidade. O Pontífice parte do pressuposto que somos encorajados e acompanhados pelos santos. Referindo-se a Carta aos Hebreus, o papa afirma que varias testemunhas nos encorajam a correr com perseverança na competição que nos é proposta (Hb 12,1). Entre esses, Abraão, Sara, Moisés, Gedeão...

O papa chama atenção para o testemunho das pessoas que nos rodeiam. Entre tais testemunhas podem estar nossa própria mãe, uma avó ou outras pessoa próximas de nós (2Tm 1,5). Citando o livro do Apocalipse (6, 9-10), o Papa nos ensina que há entre nós e os santos uma comunhão. “Os Santos, que já chegaram à presença de Deus, mantêm conosco laços de amor e comunhão (n.4).

Francisco escreve que o fundamental na vida de um Santo é a imitação de Cristo, a qual deve ser admirada pelos fiéis. Eles o imitam na prática das virtudes e no martírio (n. 5).

O Papa nos convida a perceber a presença dos Santos que estão ao pé da nossa porta. Assim afirma o Pontífice: “gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e nas mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir” (n. 7).

A exortação nos convida: “Deixemo-nos estimular pelos sinais de santidade que o Senhor nos apresenta através dos membros mais humildes deste povo, sobretudo, pela vida de fé e de caridade” (n. 8).

Francisco nos presenteia com uma definição simples, porém excelsa de Santidade. Essa nos desperta para uma das propostas do Vaticano II que é o espírito ecumênico: “A Santidade é o rosto mais belo da Igreja”. Mas, mesmo fora da Igreja Católica e em áreas

muito diferentes, o Espírito Santo suscita “sinais da sua presença, que ajudam os próprios discípulos de Cristo” (n. 9).

Em comunhão com os princípios conciliares, o Papa salienta que o eixo central da exortação é realçar a chamada à Santidade que o Senhor dirige a cada um de nós: “Sede, pois, Santos, porque eu sou santo” (Lv 11, 45; 1Pd 1, 16). Iluminando pelo Concílio, o papa lembra que somos chamados a sermos santos, cada um a seu modo. Que não se deve desaminar quando contemplamos modelos de santidade que nos pareça inatingíveis, visto que eles são úteis para nos estimular e motivar, mas não para procurarmos copiá-los (n.11). Recorda que há muitos modos de testemunhos: “Importante é que cada crente discirna o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo, quanto Deus colocou nele de muito pessoal {cf. 1 Cor 12, 7} (n.11)”.

Francisco desestrutura um pensamento que acentue certos privilegiados na busca da Santidade: “Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes, somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra” (n.14).

No numero 15, o papa nos faz um convite: “Deixa que a graça do teu Batismo frutifique num caminho de santidade. Deixa que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, opta por Ele, escolhe Deus sem cessar. Não desanimes, porque tens a força do Espírito Santo para tornar possível a santidade e, no fundo, esta é o fruto do Espírito Santo na tua vida (cf. Gal 5, 22-23). Quando sentires a tentação de te enredares na tua fragilidade, levanta os olhos para o Crucificado e diz-Lhe: “Senhor, sou um miserável! Mas Vós podeis realizar o milagre de me tornar um pouco melhor”.

Francisco afirma que se quisermos ser santos, haveremos de percorrer um caminho simples de atitudes concretas como: não falar mal de ninguém; mesmo com cansaço ter capacidade de escutar; diante da angústia, se recordar do amor da Virgem Maria e rezar o terço; quando encontrar os pobres, ouvi-los com carinho e cuidados.

O Pontífice ensina que nossa missão de batizados se compreende sempre a partir de Cristo: “A nossa missão de cristão tem o seu sentido pleno em Cristo e só se compreende a partir d’Ele. No fundo, a santidade é viver em união com Ele os mistérios

da sua vida; consiste em associar-se duma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele” (cf. n.20).

O papa ensina que não se pode separar Cristo do Reino que Ele anunciou. Também a missão do discípulo dele é inseparável da construção do Reino. Por isso, devemos buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6, 33). Desse modo, o papa indica que a atividade que santifica é entregar de corpo e alma ao compromisso de construir, com Cristo, o Reino de amor, justiça e paz para todos. Nessa construção, “não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço. Somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão” (n. 26). Destarte, não nos esqueçamos de que “não é que a vida tem uma missão, mas a vida é uma missão”.

Francisco nos exorta que perante as novidades contínuas dos meios tecnológicos, o fascínio de viajar, as inúmeras ofertas de consumo da sociedade hodierna, precisamos de um espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor (n. 29).

No numero 32, o papa nos faz um adverte: “não tenham medo da santidade”. Não te tirará forças, nem vida nem alegria. Muito pelo contrário, porque chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou e será fiel ao teu próprio ser. Dependendo d’Ele liberta-nos das escravidões e leva-nos a reconhecer a nossa dignidade. Não tenhas medo de apontar para mais alto, de te deixares amar e libertar por Deus. Não tenhas medo de te deixares guiar pelo Espírito Santo. A santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fragilidade com a força da graça. No fundo, como dizia León Bloy, na vida “existe apenas uma tristeza: a de não ser santo”.

## **2. DOIS INIMIGOS SUTIS DA SANTIDADE**

Do paragrafo 35 ao 62, o Papa apresenta os dois inimigos da Santidade: o gnosticismo e o pelagianismo. Francisco lembra que são duas heresias dos primeiros séculos do cristianismo que continuam presentes, em nossos dias, de maneiras diversas.

Segundo o Papa, os gnósticos exaltam o conhecimento abstrato sem a contemplação do Cristo sofredor. Segundo Francisco, eles agem com vaidosa superficialidade, reduzindo

o ensinamento Cristológico a uma lógica fria e dura. Esses obrigam os outros a se submeterem aos seus raciocínios. Ao desencarnar o mistério, preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo (cf. n. 37).

Francisco explica que, se os gnósticos atribuem poder primordial à inteligência, em detrimento da Graça, o pelagianismo atual se caracteriza pela primazia que dão à vontade humanas. Por isso, esses têm como máxima: tudo se pode com a vontade humana, acrescentando depois a Graça (cf. 48-49). O Papa lembra que eles se esquecem de que a escolha de Deus não depende dos esforços ou da vontade humana. Esquecem de que Deus nos amou primeiro (Rm 9, 16; 1Jo 4, 19).

O Pontífice afirma que o pelagianismo se manifesta na Igreja por meio da obsessão pela lei, do fascínio de exhibir conquistas sociais e políticas, da ostentação no cuidado da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, entre outros. O Santo Padre nos adverte que, agindo assim, não é o Espírito Santo quem nos guia no amor (cf. n.57); que por vezes complicamos o Evangelho e nos tornamos escravos de esquemas (cf. n.59); que não podemos nos esquecer de que somos justificados não por nossas obras, mas pela graça do Senhor que toma a iniciativa (cf. n. 52); os Santos evitam pôr a sua confiança nas suas ações (cf. n. 54).

### **3. À LUZ DO MESRE**

No terceiro capítulo, o Papa recorre ao Santo Evangelho para retomar as palavras de Nosso Senhor Jesus, na proclamação das Bem-aventuranças, como itinerário que nos leva à Santidade. Veja:

**“Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu”.**

A santidade se alcança quando se tem um coração pobre. Não nos esqueçamos de que se torna pobre o coração daquele que se esvazia da tentação do ter, poder e prazer para centrar totalmente o seu coração em Deus. Assim, o papa chama nossa atenção que, “As riquezas não nos dão segurança alguma. Mais ainda: quando o coração se sente rico, fica tão satisfeito de si mesmo que não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para gozar das coisas mais importantes da vida. Deste modo priva-se dos bens maiores. Por isso, Jesus chama felizes os pobres em espírito, que têm o coração pobre, onde pode entrar o Senhor com a sua incessante novidade” (n. 68).

**“Felizes os mansos, porque possuirão a terra”.**

Francisco ensina que a santidade se manifesta na humilde mansidão. Para o papa os que são pobres e que confiam apenas em Deus têm como expressão própria a mansidão (n. 74).

No número 71, Francisco nos ensina que a mansidão nos leva a olhar os limites e defeitos humanos com ternura, sem espírito de superioridade e com caridade que não nos permite nos escandalizar com as faltas do irmão (cf. n. 72).

Segundo o papa, o melhor procedimento para nós é a mansidão porque, assim se realizarão as nossas maiores aspirações: os mansos “possuirão a terra”, isto é, verão as promessas de Deus cumpridas na sua vida (n. 74).

#### **“Felizes os que choram, porque serão consolados”**

O papa ensina que o saber chorar com os que choram é expressão de santidade. Ao contrário do que propõe o mundo hodierno (hedonismo), para o discípulo de Cristo o sentido de sua vida está no socorrer os aflitos, via que o possibilita a acolher a exortação paulina: “Chorai com os que choram” (Rm 12, 15).

#### **“Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”**

A santidade consiste na busca da justiça. Ter fome e sede da justiça é expressão de santidade. Tais atitudes nos ligam as necessidades primárias da sobrevivência. As pessoas que têm a mesma intensidade para buscar a justiça estejam certas de que Jesus prometeu saciá-las (cf. n.77). Francisco alerta que a justiça, que Jesus propõe, não é como a que o mundo procura (manchada de mesquinhez), mas aquela que se manifesta na busca da justiça para os pobres e vulneráveis (nn. 78-79).

#### **“Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”**

A santidade consiste na prática no olhar e agir com misericórdia. Portanto, ela implica dois aspectos: Dar e perdoar. Tais atitudes refletem em nossas vidas a perfeição de Deus que dá e perdoa superabundantemente (cf. n. 80-81).

#### **“Felizes os puros de coração, porque verão a Deus”**

A santidade está naqueles que mantêm o coração limpo de tudo que mancha o amor. Um coração que ama não permite que em sua vida haja algo que enfraqueça ou coloque em risco o amor. Só o coração que ama a Deus e ao irmão pode ver a Deus (nn. 83, 86).

#### **“Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”**

Os que semelham a paz são santos. Os que promovem a guerra não podem gozar da santidade. A difamação e a calúnia são comparáveis a um ato terrorista. No entanto, Àqueles que cuidam de semear a paz por todo o lado, Jesus faz-lhes uma promessa maravilhosa: “serão chamados filhos de Deus” (Mt 5, 9).

## **“Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu”**

A santidade se alcança quando abraçamos diariamente o Evangelho, mesmo que isso nos acarrete problemas. Esses problemas resultam do jogo das ambições de poder e os interesses mundanos que o Evangelho combate. Quem enfrenta essas cruzes vivendo o mandamento do amor e a busca da justiça se santifica. Confiemos que Jesus diz que haverá felicidade, quando, “mentindo, disserem todo o gênero de calúnias contra vós, por minha causa” (Mt 5, 11) (nn. 91, 92,94).

### **4. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA SANTIDADE NO MUNDO ATUAL**

Neste quarto capítulo da *Gaudete et Exsultate*, Francisco afirma que o caminho da santidade é vivido, especialmente, em comunidade e em constante oração, que chega à contemplação, não entendida como evasão que nega o mundo que nos rodeia (nn. 110-152). As principais características de Santidade, segundo o Papa são:

#### **1- Suportação, paciência e mansidão.**

O essencial para isso é permanecer centrado em Deus que ama e sustenta. Que assim permanece, aguenta suportar as contrariedades, as vicissitudes da vida e também as agressões dos outros, as suas infidelidades e defeitos: “se Deus está por nós, quem pode estar contra nós”?” (Rm 8, 31).

O papa alerta que todos nós estamos sujeitos às inclinações agressivas e egocêntricas. Por isso, todos devem estar atentos a essa inclinação a fim de evitar que elas criem raízes. Todos nós podemos passar por um momento de ira. Contando que ela não se enraíze em nós. O Papa exorta então com a frase paulina: “Não se ponha o sol sobre vossa ira” (Ef 4, 26).

O papa nos adverte que os cristãos não devem ser cúmplices das redes de violência verbais através da internet: “Mesmo nos media católicos, é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia e parecendo excluir qualquer ética e respeito pela fama alheia” (n. 115). Suplica que não nos esqueçamos do oitavo mandamento que nos convida a não levantar falsos testemunhos.

Segundo Francisco, essa firmeza interior é obra da graça. Ela aplaca a vaidade e torna possível a mansidão do coração. Afirma que o santo não gasta energia a acentuar os erros alheios, mas silencia diante desses e não se posta como juiz sem piedade. (nn. 116-117).

O texto indica o meio pelo qual se vive a verdadeira humildade: “A humildade só se pode enraizar no coração através das humilhações. Sem elas, não há humildade nem santidade. Se não fores capaz de suportar e oferecer a Deus algumas humilhações, não és humilde nem estás no caminho da santidade. A santidade que Deus dá à sua Igreja, vem através da humilhação do seu Filho: este é o caminho. A humilhação faz-te semelhante a Jesus, é parte iniludível da imitação de Jesus” (n. 118). O papa afirma que as humilhações são um caminho para imitar Jesus.

## **2- Alegria e sentido de humor**

O que realça no santo é a caridade. A consequência da caridade é a alegria. Por isso, o santo é capaz de viver com alegria e sentido de humor. Sem perder o realismo, o santo ilumina os outros com um espírito positivo e rico de esperança. Diz o papa que: “Ser cristão é “alegria no Espírito Santo” (Rm 14, 17)”. O Papa lembra que os profetas anunciaram o tempo de Jesus que estamos a viver, como uma revelação da alegria. Assim o profeta convidava: grita de alegria (Is 12,6). Também Maria proclamou: “Meu espírito se alegra (Lc 1,47)”. Depois da ressurreição, aonde os discípulos chegavam, havia grande alegria (At 8,8).

O papa acentua que ele não se refere à alegria consumista e individualista das culturas atuais. Sim a alegria que se vive em comunhão. Defende que o mau humor não é um sinal de santidade.

## **3- Ousadia e ardor**

O papa afirma que santidade é *parrésia*: é ousadia, é impulso que deixa uma marca nesse mundo. Vivemos essa *parresia* animados nas palavras de Cristo: “Não tenhais medo, eis que estou convosco até os fins dos tempos” (Mt 28,20). “Essas palavras permitem-nos a partir e servir com aquela atitude cheia de coragem que o Espírito Santo suscitava nos Apóstolos para anunciar Jesus Cristo” (n. 129). Deus que não tem medo leva-nos ao encontro da humanidade mais ferida. Ele próprio se fez periferia (Fl 2, 6-8; Jo 1,14). Por isso, se ousarmos ir às periferias, lá O encontraremos (n. 135).

O papa lembra que os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora (n. 138). O papa termina nos fazendo um convite: “Peçamos ao Senhor a graça de não hesitar quando o Espírito nos exige que demos um passo em frente; peçamos a coragem apostólica de comunicar o Evangelho aos outros e de renunciar a fazer da nossa vida um museu de recordações. Em qualquer



situação, deixemos que o Espírito Santo nos faça contemplar a história na perspectiva de Jesus ressuscitado. Assim a Igreja, em vez de cair cansada, poderá continuar em frente acolhendo as surpresas do Senhor” (n. 139).

#### **4- Em comunidade**

O papa lembra que a santificação é um caminho comunitário que se deve fazer dois a dois. Alerta que é muito difícil lutar contra a própria concupiscência e contra as ciladas e tentações do demônio e do mundo egoísta, se estivermos isolados (nn. 140-141).

É na comunidade que se cria espaço teologal para partilhar a Palavra e celebrar junta a Eucaristia. Assim, nos tornamos mais irmãos e nos transformamos aos poucos em comunidade santa e missionária.

Nesse sentido, nos exorta o Santo Padre: “Contra a tendência para o individualismo consumista que acaba por nos isolar na busca do bem-estar à margem dos outros, o nosso caminho de santificação não pode deixar de nos identificar com aquele desejo de Jesus: “que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti” (Jo 17, 21)” (n. 146).

#### **5- Em oração constante**

O papa lembra que a santidade se alcança na abertura ao transcendente, expressa pela oração. Por isso, assim afirma: “lembramos que a santidade é feita de abertura habitual à transcendência, que se expressa na oração e na adoração. O santo é uma pessoa com espírito orante, que tem necessidade de comunicar com Deus” (n. 147). Desse modo, o Papa afirma não acreditar em santidade sem oração.

Francisco valoriza o silêncio como algo que propicia essa vida de oração: “...para que isto se torne possível, são necessários também alguns tempos dedicados só a Deus, na solidão com Ele” (n. 149). Recorda o ensinamento de Santa Teresa de Ávila sobre a oração: “a oração é “uma relação íntima de amizade, permanecendo muitas vezes a sós com Quem sabemos que nos ama” (n. 149).

Porém, o papa alerta para não se confundir o silêncio orante como uma evasão que nega o mundo que nos rodeia. Lembra duas formas de oração, a súplica e a adoração.

### **5. LUTA, VIGILANCIA E DISCERNIMENTO**

O Papa inicia esse capítulo com essa forte afirmação: “A vida cristã é um luta permanente” (n.158).

Essa luta é contra o mundo e a mentalidade mundana; contra a própria fragilidade e as próprias inclinações; contra o demônio que é o príncipe do mal (cf. n. 159). Segundo o Papa, as Sagradas Escrituras narram desde início a presença do mal.

Francisco no recorda que a arma poderosa para essa luta é o Senhor quem nos dá: a fé.

O cristão não pode se esquecer de vigilar sempre. O Papa alerta que quem se esquece de que comete faltas graves contra a Lei de Deus, pode cair numa sonolência que leva à total corrupção espiritual, fruto da sedução de Satanás que ao nos seduzir se disfarça de anjo (cf. n. 165).

Ao lutar, urge que o fiel tenha capacidade de discernimento para saber se algo vem do Espírito Santo ou do maligno. Ele é um instrumento de luta para seguir o Senhor que se deve viver na própria oração. E para isso, o Papa lembra a necessidade de ouvir o Senhor, os outros, e a própria realidade que não cessa de nos interpelar (cf. n.172). Recorda ainda a importância da obediência ao Evangelho e ao Magistério da Igreja (cf.n. 173).

## CONCLUSÃO

Ao apresentar o objetivo da Exortação, o Papa Francisco explicitou não almejar ostentar um tratado acadêmico sobre a Santidade, mas um convite à reflexão sobre esse tema relevante aos discípulos de Cristo. Francisco tem a habilidade peculiar de falar de coisas profundas de maneira coloquial e prática. Envolve, com exemplos concretos, o leitor em seu pensamento quase axiomático.

Protuberante é o conceito de santidade ministrado pelo Pontífice. Desvenda um arquétipo de santidade conexo a uma postura separada do mundo e pietista. Ensina que a fonte da Santidade está na coerência do Evangelho, especialmente das Bem-aventuranças, com algumas atitudes fundamentais como: paciência, mansidão, alegria, humor... Aponta que essa coerência se explicita na vivência do mandamento do amor e na prática da Justiça.

Impressionante também a capacidade de valorização dos que se santificam, anonimamente, entre nós. Além de apresentar os grandes mestres da espiritualidade, nos alerta que os Santos podem estar ao nosso lado. Evita que nos desanimemos com a ideia de que ser santos é quase que inatingível para nós prófugos.

Além de nos apontar um itinerário que nos ajude a responder à vocação à Santidade, mostra-nos os perigos pelos quais podemos nos desviar. Entre esses, indica as duas heresias configuradas ao mundo hodierno, o gnosticismo e o pelagionismo.

Finalmente, urge acentuar que Francisco como um grande mestre da eclesiologia do Vaticano II funda-se, mesmo que implicitamente, aos princípios básicos do Vaticano II. Segundo esse Concílio, a Igreja é Povo de Deus que é chamada a responder, cada uma a seu modo, a vocação universal à Santidade. Quem não teve o prazer de ler esse belo e santo texto, não pode dissipar-se dessa graça.